



## RELAÇÕES DE GÊNERO EM CIDADE DE DEUS

Laís Alpi LANDIM<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da leitura do romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, o texto a seguir se propõe a traçar algumas considerações sobre como se dão as relações de gênero entre as personagens do romance, assim como seus imaginários acerca desta problemática, demonstrando as diferenças entre homens e mulheres em situações de trabalho, domésticas e relações pessoais.

**Palavras-chave:** Cidade de Deus; relações de gênero; narrativa

***Não gosto de lágrimas, ainda em olhos de  
mulheres, sejam ou não bonitas; são  
confissões de fraqueza, e eu nasci com tédio  
aos fracos. Ao cabo, as mulheres são menos  
fracas que os homens, ou mais pacientes,  
mais capazes de sofrer a dor e a  
adversidade...  
(Machado de Assis)***

Em *Cidade de Deus* merece nossa atenção a forma como se dão as relações de gênero entre as personagens no decorrer da narrativa, lembrando que gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para analisar socialmente a questão da diferença sexual, das relações sociais desiguais, entre homens e mulheres. Apesar de este termo ter sido trazido à tona pelas feministas preocupadas com a condição da mulher na sociedade, recentemente desenvolve-se o conceito hermenêutico de gênero, segundo o qual é indispensável a compreensão das condições do homem para tratar da mulher, e vice-versa (AZEVEDO, 2008). É Cabeleira quem nos dá as primeiras pistas de como se dão estas relações no romance:

No dia seguinte [Cabeleira] iria ver Berenice e logicamente saber a sua decisão sobre o seu pedido de namoro. Amaria aquela preta gostosa de todas as formas. Ela parecia ser um gado resposta. Precisava de uma mulher para fazer sua comida, lavar-lhe a roupa e entregar-se aos seus braços na hora que ele bem entendesse. Acreditava que ela aceitaria, tinha dado bola pra ele na casa do Carlinho Pretinho, fez questão de fazer seu prato, até mostrou-lhe as pernas. Tinha de dar certo, pois só assim esqueceria Cleide (LINS, 1997, p. 69, colchetes nossos).

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais na FFC/UNESP – Câmpus de Marília. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura e Cinema.



Como visto, o que Cabeleira espera de Berenice é uma mulher para cozinhar, lavar, cuidar de tarefas para as quais ele, aparentemente, não foi educado para executar. Além disso, ela deveria estar disponível “quando ele bem entendesse”, para recebê-lo em seus braços.

Noutro momento da narrativa, o narrador descreve um dia de sábado na Cidade de Deus:

A manhã de todos os sábados era dos peladeiros e dos jogadores de sinuca. A tarde, como a manhã, não trazia mistérios: os homens dormiam ou continuavam nas biroskas; as mulheres, acordadas desde cedo, tendo feito as compras e a faxina na casa, enchiam os salões de beleza depois do almoço (LINS, 1997, p. 108).

Novamente, as diferenças entre homens e mulheres são explicitadas, desta vez observando-se a chamada “dupla jornada” feminina, ou seja, um excesso de trabalho enfrentado por mulheres que necessitam de contribuir para a renda da família, tal como seus maridos, mas que não conseguem implementar uma melhor divisão das tarefas domésticas ficando sobrecarregadas com trabalho exercido tanto fora como dentro de casa, como observa o artigo *Relações de gênero*, de Francisco Cabral e Margarita Diaz (1999). Não importando se trabalham durante a semana ou não, as mulheres cuidam da casa e da beleza no sábado, só os homens têm o direito à diversão e ao descanso.

Numa noite, Camundongo Russo e Buzinha conversavam com duas cocotas e Marcelinho Baião, Biscoitinho e Madrugação discutiam o que aconteceria com elas caso aceitassem o convite para cheirar cocaína de graça, já que “para a bandidagem mulher que vai em boca-de-fumo é puta” (p. 284). Estupraram e violentaram-nas, fazendo-as voltar ensangüentadas e cambaleantes para casa (p. 284). A partir deste acontecimento, pode-se refletir também sobre a relação das mulheres com a criminalidade na perspectiva da narrativa de Paulo Lins. Apesar de aqui tratarem-se de cocotas, mesmo as mulheres moradoras da favela e que se relacionavam com os demais personagens ligados ao crime em Cidade de Deus, não se envolviam nem assumiam lugares significativos nos assaltos e atividades de tráfico de drogas. Com exceção da velha Bá, que era dona da própria boca-de-fumo, as mulheres aparecem executando pequenos crimes, como furtos na feira, sem participar ativamente do tráfico e assaltos. Quando comparecem nas cenas do crime é no papel de coadjuvantes, como o caso de Suely, que participa do assassinato de Boi servindo apenas de “isca”, isto é, não participando ativamente do crime, mas fazendo uso de uma “habilidade” tida como tipicamente feminina: a da sedução.

O abuso sexual das garotas pelos rapazes, relatado acima, parece explicitar um pensamento geral segundo o qual deve haver uma mulher disponível para cada momento que



um homem tenha desejo sexual. Mas, mesmo este tem lá suas regras em Cidade de Deus. Após outro estupro, dessa vez por Espada Incerta, Pequeno o chama para uma conversa:

– Pera aí! Pera aí! – gritou Pequeno ao notar os passos de Espada Incerta, que nunca havia mantido relações sexuais com uma mulher por livre vontade dela. Durante o tempo de cadeia fazia sexo com dois homossexuais e, numa ocasião, estuprara um companheiro de cela.

– É verdade que tu currô uma franguinha aí, meu cumpádi? – Bené inquiriu firmemente.

– Comi mermo, morou? Mas ela tava com um vestido curtinho de bobeira na madrugada, me deu mole e na hora falou que não ia dar, morou, cumpádi?

– Que mané cumpádi, rapá? Batizei algum filho teu? E não tem essa de papo que não queria dar, não. Tu tá é de conversa fiada, rapá! Nenhuma mulher vai querer dar pra você com essa cara de macaco que tu tem! Bota a cara aí que eu vou dar uns boxes pra tu se lembrar na hora que tu querer comer mulher à força (LINS, 1997, p. 323).

Aqui Espada Incerta justifica sua atitude acusando a vítima pela vestimenta que esta usava, isto é, o tal “vestido curtinho” que lhe soaria como uma espécie de provocação. Além disso, a garota estaria “dando bobeira na madrugada”, revelando a mentalidade de que a culpa de um estupro é sempre da mulher, pois haveria a idéia de que o homem deve dar vazão ao seu instinto sexual ativo e incontrolável.

No artigo *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*, Rachel de Soihet (1997) comenta como as mudanças ocorridas na passagem do século XIX ao XX, com a instauração da ordem burguesa, trouxe alterações também à configuração da família e ao lugar social do homem e da mulher. Com respaldo na ciência positivista da época, foi determinado pelas classes dominantes como características tipicamente femininas a fragilidade e a submissão. A autora trata então de como os ideais burgueses acabaram por ser apropriados, mesmo que com suas peculiaridades, também pelas classes populares:

As atividades das *mulheres populares* desdobravam-se em sua própria maneira de pensar e de viver, contribuindo para que procedessem de forma menos inibida que as de outra classe social, o que se configurava através de um linguajar “mais solto”, maior liberdade de locomoção e iniciativas nas decisões. Seus ganhos estavam na última escala, já que persistia a ideologia dominante de que “a mulher trabalha com os seus botões”, desdobramento das concepções relativas à inferioridade feminina, incapaz de competir em situação de igualdade com os homens. E, apesar de todas as precariedades de seu cotidiano, assumiam a responsabilidade integral pelos filhos, pois “maternidade era assunto de mulher”.



Essas dificuldades se agravavam, pois muitas das idéias das mulheres dos segmentos dominantes se apresentavam fortemente às *mulheres populares*. Mantinham, por exemplo, a aspiração ao casamento formal, sentindo-se inferiorizadas quando não casavam; embora muitas vezes reagissem, aceitavam o predomínio masculino; acreditavam ser de sua total responsabilidade as tarefas domésticas, ainda que tivessem que dividir com o homem o ganho cotidiano (SOIHET, 1997, p. 367).

A citação acima mostra-nos como o ideal burguês estabelecido apresenta mais um problema para as mulheres das camadas populares, além das precariedades de seu cotidiano. Tal como a aspiração que as mulheres deveriam ter pelo casamento formal, que causa-lhes preconceitos nos casos em que preferem permanecer solteiras, e a responsabilidade pelas tarefas domésticas, há também a idéia de que a educação dos filhos é obrigação da mulher/mãe. E isto acontece também em *Cidade de Deus*, como no trecho seguinte, em que o detetive Touro, ao invadir a casa de Bené para prendê-lo, culpa a mãe pelo caminho bandido escolhido pelo filho, respondendo-lhe os gritos desesperados: “–Cala a boa, sua velha maluca! Se ficar fazendo escândalo aqui dentro, eu boto a senhora em cana também! Quem mandou deixar o filho virar bandido!?” (p. 354). A fala de Touro não faz mais do que explicitar a crença de que a total responsabilidade da educação dos filhos cabe à mãe.

Apesar de a favela ter suas próprias regras de sociabilidade, particularmente entre os bandidos (tal como vimos com o castigo imposto a Espada Incerta por causa dos estupros), as questões e problemas de gênero parecem permanecer assim como nos meios burgueses. O papel da mulher permanece e também a crença de que deve ser frágil, submissa e dedicada às tarefas domésticas e à maternidade, mesmo havendo exceções a essa mentalidade.

A narrativa também nos conta um pouco do que as mulheres pensam a respeito dos homens. O marido da “cearense”, por exemplo, reage mal quando ela lhe propõe experimentar algumas “maravilhas do amor”, isto é, atividades sexuais fora das praticadas usualmente pelo casal. Ele, além de “não querer tal safadeza, ainda deu-lhe uma surra para ela parar de pensar em putarias. Seguro da proveniência de tal descaramento, ele ainda a proibiu de conversar com as vizinhas” (p. 131). Com desejo de vingança, e de experimentar o que aprendera, a cearense resolve então “deitar-se” com o peixeiro e nesta hora explicita um pensamento que diz um pouco do que se pensa dos homens: “Sim, iria meter com o peixeiro e isso seria mole, porque homem é que nem rato: é só mostrar o queijinho que ele vem correndo” (p. 131). Aí, ao contrário da mulher, que deve se manter recatada quanto à própria sexualidade, o homem aparece como sempre disposto e suscetível a qualquer provocação sexual, explicando porque Suely sabia que poderia servir de isca para o assassinato de Boi. A imagem que se faz do



homem, e a que este faz da mulher, aparece em outras passagens do romance, como na que descreve o desejo de Damião por Fernanda, mulher de Cunha:

Damião abriu um papelote de cocaína para ganhar tempo. Queria ver a mulher do amigo chegar. Aquela preta do rabo desse tamanho, pernas grossas, olhos amendoados, os pés bem desenhados, mãos de dedos longos e finos, lábios carnudos... Um dia falaria a ela de seu desejo. Torcia para haver briga entre o casal e poder confortar o amigo, desencantando-o de vez a respeito das mulheres. Afinal, mulher nenhuma presta, bem fez ele de não ter colado com ninguém, ficaria solteiro o resto da vida. Enquanto a mulher do amigo não era sua, contentava-se em olhá-la, vê-la de bermudinha justa, camiseta sem sutiã. Adorava seu jeito de falar, comer, rir, olhar, deitar no sofá... Era um apaixonado (LINS, 1997, p. 129).

E quando se explicita o pensamento de Pequeno acerca das mulheres, ao ser deixado pela namorada:

As mulheres de família, que não andavam na noite, não roubavam, não passavam o final de semana encafudadas numa birosca, trabalhavam e estudavam, o atraíam. Mas, além de ser bandido, era feio: baixinho, gordinho, pescoço socado e cabeçudo. O carro novo que comprara, os cordões de ouro que usava, as roupas da moda, nada disso chamava a atenção dessas. Não falava a ninguém sobre o seu sofrimento. No entanto, descontava nos bandidinhos e dera pra estuprar as mulheres que o interessavam (LINS, 1997, p. 397).

Constatamos então novamente a permanência do ideal de mulher honesta, de família, que serviria para casar em detrimento das demais, das que se deixavam atrair por bens materiais e namoravam bandidos pela noite adentro. Já o homem não goza desta particular distinção entre o de família e o da “vida”, mas é distinguido pela virilidade e por ter o desejo sexual sempre presente, acabando por ser facilmente seduzido. Outro caso a ser considerado neste aspecto é o da Velha Bá, traficante, que seduz um rapaz viciado, Manguinha, com trouxinhas de maconha:

Preparava-se para deitar quando ouviu a voz cuidadosa de Manguinha entrando pela fresta da janela. Falou que já ia, depois de vê-lo no portão pela porta entreaberta.

- Quantas vai, meu filho?

- Eu só queria uma trouxa, só, mas aí: to meio caído, morou? Se a senhora me vender, amanhã, antes do meio-dia, eu trago a grana.

- Fiado eu não vendo, não, mas se você quiser fumar um comigo é só entrar – disse a velha.

Seu pensamento num segundo tramou sedução. Havia muito tempo só fazia sexo sozinha (LINS, 1997, pp. 106-107).



O fato de ela se relacionar com um rapaz mais jovem constitui uma situação não facilmente compreendida, vista como problemática, principalmente com relação à respeitabilidade da mulher, relacionada aos aspectos de honestidade e família, o que não aconteceria no caso de um homem com uma garota mais jovem.

Durante todo o romance mostram-se essas diferenças e a permanência de antigos preconceitos e mentalidades cunhados pela burguesia no momento de sua instituição, além daqueles provenientes de séculos de opressão da mulher, legitimada por instituições como Igreja e Estado, diferenças que acabam por gerar problemas de violência física e moral em todas as classes sociais. Em *Cidade de Deus* permanecem estas questões e a criação de novas regras e formas de sociabilidade parece não conseguir alterar a mentalidade acerca dos gêneros e suas diferenças.

---

## **GENDER RELATIONS IN *CIDADE DE DEUS***

**Abstract:** From the reading of the novel *Cidade de Deus*, by Paulo Lins, the following text proposes to highlight some considerations about how gender relationship, among the characters of the novel, happens; as well as their imaginaries about this problematic, demonstrating the differences between men and women in work, household and personal relationships.

**Key-words:** Cidade de Deus; relations of gender; narrative

---

## **Referências bibliográficas**

AZEVEDO, Luciano T. Uma Análise das Relações de Gênero na Obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. In *Revista Letra Magna*, ano 04, n. 08 – 1º semestre de 2008.

CABRAL, Francisco & DIAZ, Margarita. “Relações de gênero” in *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda, 1999, pp. 142-150.

CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.



SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano *in* DEL PRIORE, M. (Org) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

Artigo produzido a partir dos seminários sobre Cidade de Deus realizado durante o primeiro semestre de 2008 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura